

CAPÍTULO 11

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO: EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/planar11>

Larissa Marchesan

Lívia de Souza Carvalho Selhane

VOLTAR AO SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica se faz caminhando, percorrendo trajetos, observando o que o espaço diz e os signos do mundo. Este trabalho relata experiências de Educação Ambiental que aconteceram durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, do curso de graduação em Geografia, habilitação em Licenciatura, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), ocorrido no Centro de Visitantes do parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST), localizado na baixada do Maciambu, em Palhoça-SC. A disciplina aconteceu no primeiro semestre de 2019 e foi ministrada pela Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve, com a supervisão do coordenador do Centro de Visitantes do PAEST, Dr. Luiz Henrique Fragoas Pimenta.

O parque Estadual da Serra do Tabuleiro, além de ser o lugar escolhido para a realização das vivências do Estágio, foi também a matéria de estudo e o lugar de observação e de escuta; com a educação ambiental e com a ciência geográfica, nos oportunizou ressignificar a natureza. O objetivo deste texto é mostrar os caminhos percorridos antes, durante e depois do semestre da disciplina. O Estágio iniciou com encontros semanais realizados em sala de aula na FAED¹ e prosseguiu com saídas de campo/imersões no local, visto que, para propor outro modo de ver a educação geográfica e a educação ambiental, são necessários organização e estudos que antecedem as práticas e as proposições. Trata-se de uma pesquisa, portanto, que se faz com o caminhar e que exige um preparo do corpo do pesquisador.

Todos os acontecimentos ao longo desse período foram registrados em fotografias e gravados pelo grupo, que utilizou de câmeras, celulares e, principalmente, o caderno de campo. Como aponta Larrosa, “o caderno é o lugar onde se encontra o sujeito que lê, que pensa, que escuta e que conversa com o sujeito que escreve, ou pelo menos, com o sujeito que quer escrever”

¹ Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina.

(LARROSA, 2018, p. 94). Foi neste caderno que ficaram as marcas deste estágio, servindo como nossa principal referência para compor este texto.

Este trabalho está dividido em três partes. A primeira mostra as características do território do parque Estadual da Serra do Tabuleiro. A segunda é um relato sobre os preparativos, as idas a campo, as experiências das oficinas com a turma do sexto ano do Ensino Fundamental II da Escola Básica Abílio Manoel de Abreu em Pinheira (Palhoça-SC) e, ainda, sobre as ações que aconteceram no evento de comemoração ao Mês do Meio Ambiente. A terceira parte descreve uma oficina realizada na Escola Básica Francisca Raimunda Farias da Costa, em Praia de Fora (Palhoça-SC), com os estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental II. Esta pesquisa, portanto, reflete como o estágio marcou a trajetória da professora Larissa Marchesan como educadora ambiental em uma escola, assim como demonstra outros desdobramentos destas experiências. Além disso, também abalizou a trajetória de Livia de Souza Carvalho Selhane enquanto pesquisadora, a ponto de lhe despertar um tema para o seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Cabe aqui destacar os nomes das pessoas que serão mencionadas ao longo do texto², sendo elas: do grupo de estagiários da UDESC, além de nós duas, Aquiles Mauri, Claudio Boeira, Isabella de Carvalho e Rafaela Freitas; os professores orientadores Dr. Luiz Henrique Fragoas Pimenta, Adriana Guardioli e Dra. Ana Maria H. Preve; e o grupo de monitores do PAEST, nas pessoas de Juliana Roemers, Matheus de Souza, Eduardo Meure, Amanda Sandhas. Todos contribuíram com trocas de saberes e propostas no decorrer de nossas imersões e oficinas.

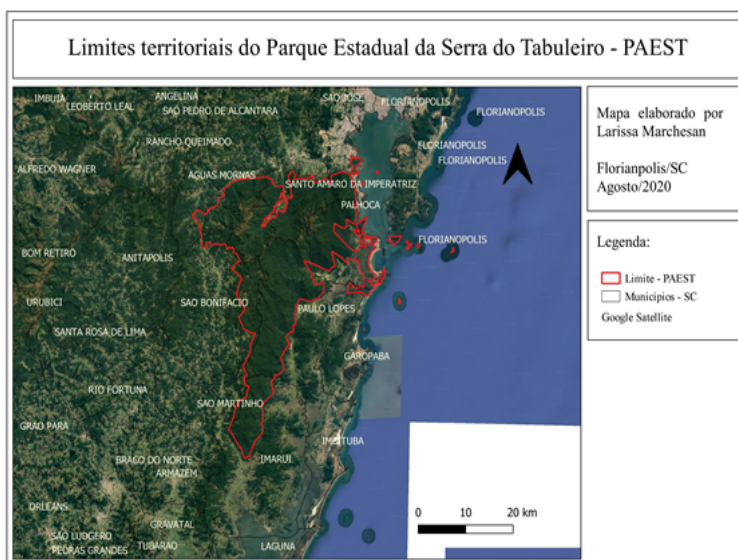
PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO

O parque Estadual da Serra do Tabuleiro é a maior Unidade de Conservação (UC) de Proteção Integral do estado de Santa Catarina. Seu terri-

² Todas as pessoas mencionadas autorizaram a divulgação de seus nomes, bem como a de suas reflexões e de suas imagens.

tório se estende por 84.130 hectares e corresponde a, aproximadamente, 1% do território catarinense. Ocupa áreas de nove municípios: Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí, Paulo Lopes e Garopaba, além de algumas ilhas, como as ilhas do Siriú, dos Cardos, do Largo, do Andrade e do Coral, e os arquipélagos das Três Irmãs e Moleques do Sul. A figura 1, a seguir, mostra os limites territoriais do parque Estadual da Serra do Tabuleiro, representado pela cor vermelha.

Figura 1 - Mapa dos limites territoriais do PAEST



Fonte: Elaborado por Larissa Marchesan, agosto/2020.

O PAEST protege cinco das seis formações vegetais do bioma Mata Atlântica existentes em Santa Catarina. No litoral, encontram-se formações vegetais com influência marinha, como a restinga, e fluviomarinha, os manguezais. Já as serras são cobertas por Floresta Ombrófila Densa. Nas encostas superiores das serras, aparece a Matinha Nebular. Na região mais alta, há a

Floresta Ombrófila Mista, mais conhecida como Floresta de Araucária, e os Campos de Altitude.

Para proteger e cuidar de tamanha biodiversidade foi elaborado o decreto n. 1.260, de 1º de novembro de 1975, com base nos estudos do botânico Pe. Raulino Reitz e do botânico e ecologista Roberto Miguel Klein. O decreto cria e delimita o parque Estadual da Serra do Tabuleiro, que ganha esse nome devido às serras com o cume em formato tabular, visível na região de Florianópolis. Cabe ressaltar que, além da rica biodiversidade, o PAEST protege importantes mananciais hídricos e milhares de nascentes, sendo mais conhecidas as dos rios Vargem do Braço, Cubatão, Madre e D’Una, que são fundamentais para o abastecimento de água da Grande Florianópolis e de municípios do sul do estado.

CAMINHAR: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III iniciou no primeiro semestre de 2019, tendo como objetivo proporcionar aos futuros educadores experiências e práticas em espaços não formais de educação, como uma Unidade de Conservação. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a cartografia que, aqui, é vista como método de pesquisa-intervenção – uma pesquisa que se faz ao caminhar, que se interessa pelo percurso e seus desvios, que acompanha os processos e não representa objetos. Como nos diz Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros (2015, p. 17) “o desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas, mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas”. O pesquisador precisa estar atento aos sinais que a própria pesquisa fornece. Trata-se de um olhar cuidadoso, para não deixar escapar possíveis caminhos a trilhar, pois cada passo depende do anterior. Para esta cartografia, são muito caros todos os acontecimentos, falas e sensações. Por isso, todos os eventos que ocorreram durante o Estágio estão registrados

em nossos cadernos de campo, que compõem estes escritos; tudo faz parte da pesquisa e é isso que dá corpo a um modo de investigar, cartografar, estagiar.

Os primeiros passos desta caminhada aconteceram dentro da sala de aula. O grupo de estudantes, junto com a professora Ana M. H. Preve, realizou uma série de leituras coletivas de obras previamente escolhidas, que atravessaram todo o percurso disciplinar, como o livro “Caminha e Parar”, escrito por Francesco Careri (2018), alguns trechos do livro “P de Professor”, de Jorge Larrosa (2018) e textos sobre temas de estágio, tais como o “Currículos Escrividos nas Zonas de Fronteiras do Estágio Supervisionado” (2009), da autora Marisa Valadares. Além das leituras, também aconteceram exercícios de escrita sobre as nossas expectativas. A cada ida ao parque, o exercício se repetia e era produzida uma escrita sobre as vivências diárias. Por isso, podemos dizer que este estágio aconteceu, mesmo, caminhando e escrevendo: caminhando nas trilhas do PAEST, escrevendo em nossos cadernos de campo os acontecimentos e reflexões e acompanhando processos.

CONHECENDO O CAMPO

Para conhecer o parque Estadual da Serra do Tabuleiro realizamos uma série de idas a campo. Na primeira delas, conhecemos o Centro de Visitantes. Foi um momento de experimentar as características do PAEST, seu entorno e as escolas da região. Ocorreu uma aula ao ar livre, na qual o Prof. Luiz Pimenta pendurou, em uma tenda na beira da praia, alguns mapas e banners com informações e fez alguns desenhos na areia da praia. Com isso, começou sua apresentação em uma sala de aula um tanto quanto diferente. Uma aula de/em campo. Uma aula onde a experiência se fazia presente. Uma aula onde o som de fundo quem faz é o mar. Estávamos dentro do parque para falar do parque. O Prof. Luiz Pimenta, ao falar de um determinado lugar, mostrava a localização no mapa e depois apontava *in loco* esse local. Conversamos sobre o Caminho do Peabiru, sobre ocupações irregulares e conflitos de terra, sobre

tipos de vegetações, sobre múltiplas paisagens e sobre a formação geológica e geomorfológica da baixada do Maciambu.

Além disso, o grupo decidiu como seria a finalização da disciplina: ficou determinado que encerraríamos este ciclo com a realização de intervenções ou oficinas, planejadas por cada dupla de estagiários, tanto no PAEST como em escolas que ficam localizadas no entorno do Centro de Visitantes. Essas intervenções/oficinas seriam apresentadas e aplicadas em um evento de comemoração ao Mês do Meio Ambiente. Após muitas conversas, decidimos que a nossa oficina (das autoras destes escritos) seria, por ora, intitulada “Trilha sensitiva”, e teria embasamento em Corrêa (2000; 2006) e Preve (2010), visando um conhecer com vontade.

COMEÇO DA TRILHA SENSITIVA: PRIMEIRA EXPERIMENTAÇÃO

Como visto anteriormente, a conversa no primeiro dia de saída de campo reverberou a ideia de realizar uma intervenção/oficina no PAEST e em escolas do seu entorno. Foi assim que surgiu a proposta de pensar em um percurso de trilha sensitiva para os estudantes da Escola Básica Abílio Manoel de Abreu, localizada no Bairro Morretes (Palhoça-SC). O intuito era criar uma oficina que unisse o PAEST a propostas sensoriais e ao conteúdo da grade curricular da geografia e da educação ambiental como tema transversal.

Pode-se dizer que, ao começarmos a pensar sobre como seria essa trilha sensitiva, ela já nos levava para um lugar chamado escola. Mesmo sem querer, nossa trilha começou a ser desenhada na escola. Como diz Jaffe (2016, p. s/n), “o começo não passa de interrupção de algo que já vinha ocorrendo, mas que ainda não tinha recebido nome. As coisas estão em permanente processo até que alguém apareça e nomeie um ponto das coisas como começo”. Para realizar as experimentações, escolhemos a turma do sexto ano do Ensino Fundamental, pois poderíamos encaixar melhor os temas da trilha sensitiva,

do PAEST, com os conteúdos curriculares de geografia que, neste caso, eram as categorias geográficas de lugar, espaço e paisagem, e meio ambiente, natureza e biodiversidade.

Ao pensar na trilha, na oficina em educação ambiental para os estudantes, não queríamos chegar com ela finalizada; não queríamos que fosse uma imposição, mas sim uma proposição coletiva. Por isso, nos deslocamos até a escola para conhecê-los. Chegamos lá sem um guia de conversa, nem nada do tipo. Nosso objetivo era que o encontro fosse algo mais sensitivo. Porém, não levar nada organizado não significa que não nos preparamos ou que não estudamos; muito pelo contrário: estudamos muito para essa conversa com eles, desde sobre os limites territoriais do PAEST e sua história, as categorias geográficas de lugar, espaço e paisagem, os conceitos sobre o meio ambiente, os cinco sentidos do corpo, até sobre noções do que seria Educação Ambiental em uma Unidade de Conservação. Além do estudo, levamos um mapa conceitual com palavras-chave para guiar nossas falas e folhas de papel para uma atividade que foi realizada.

O encontro começou com a Profa. Adriana G. Lunardi fazendo uma acolhida inicial. Após, nos apresentamos e falamos um pouco do que iríamos fazer ali. Além disso, pedimos que se apresentassem e que falassem o que da natureza lhes chama a atenção. Os resultados foram muito interessantes e surpreendentes. Muitos relataram que gostam de andar a cavalo, de tomar banho de rio e de sentir o “geladinho” da água do mar. A partir da conversa, começamos a apresentar as informações sobre o parque Estadual da Serra do Tabuleiro, sobre o meio ambiente e a educação ambiental, sobre a nossa trilha sensitiva e um pouco sobre os sentidos do corpo. Feito isso, pedimos que desenhassem ou que escrevessem como eles acham ou imaginam o parque. Essa prática educativa busca conhecer as crianças e quais relações elas estabelecem com a região em que residem, para, então, começarmos a pensar juntos as propostas de sensibilização em relação ao meio ambiente e ao PAEST.

Depois de conhecer os estudantes e seus gostos, retornamos ao PAEST com o intuito de escolher uma trilha que mais se aproximasse das von-

tades deles. Junto à monitora Juliana Roemers, fizemos todas as trilhas que saem do CV. Caminhamos. Caminhamos muito. Caminhamos por todos os caminhos. Caminhamos até decidir qual seria o melhor trajeto e quais seriam os pontos nos quais haveria alguma interrupção, para parar e perder tempo, perder tempo para ganhar espaço (CARERI, 2018). Ao final, estávamos percebendo que é sobre isso que trata esta oficina: é sobre parar e perder tempo com o que nos toca, nos atravessa naquele ambiente, chama a nossa atenção. É sobre estabelecer relações de cuidado com a natureza e conversar sobre a educação ambiental.

Escolhemos a trilha e organizamos uma sequência de dez pontos, ou seja, dez interrupções onde algo iria acontecer. Cada pausa é para se dispor para uma experimentação com a natureza, com o meio ambiente, com o espaço. Francesco Careri (2018, p. 116) diz que no

caminhar indeterminado deve-se proceder de modo estrábico, com um olho na rota e outro em tudo aquilo que o tira da rota. Algo que deve ser aprendido é colocar-se em condições de tropeçar em zonas onde o projeto jamais teria podido levar você; tornar-nos disponíveis ao encontrarmo-nos perdidos em situações inesperadas e mesmo de perigo. As zonas de tropeços são aquelas em que chega o imprevisto e se deve abandonar a rota preestabelecida, mas são também aquelas em que é bom fincar as tendas. São lugares onde cabe decidir parar e perder tempo.

Assim, cada uma das interrupções seria uma “zona de tropeço” planejada. Pensamos e estudamos o que iríamos propor e a ordem das proposições. Uma trilha bem amarrada. As “zonas de tropeços” eram sinalizadas com uma fita verde, onde, ao visualizá-las, sabíamos que ali seria proposto alguma experimentação: observar, sentir, tocar, saborear ou experienciar. Carregamos uma sacola de materiais, sendo eles: papel celofane, apitos que imitam o som dos pássaros, óleo essencial, vendas de tecido, barbante, sementes, conchas, entre outros. Nosso intuito era utilizar, além desses materiais, os elementos

que estavam no caminho; agregar na oficina e rever as informações sobre as plantas nativas, sobre a textura do solo, sobre as muitas possibilidades de paradas. Como aponta Noemi Jaffe (2016, p s/n), “quem começa vira uma criança. Olha para tudo como se fosse a primeira vez e vê as coisas sem seus nomes e funções conhecidas. Olha para uma garrafa e pensa que é um tipo de fruta ou árvore. Experimenta tudo com a boca”. Com o que aprendemos e experimentamos sobre o PAEST e com o que levamos em nossa sacola, finalizamos o preparo da trilha.

Após organizar a trilha e as zonas de tropeço, levamos o grupo de estudantes para experimentá-la. A oficina em si começou após uma fala inicial sobre as “regras de segurança”. Então, fomos caminhar. Para este encontro, utilizamos a Trilha da Serpente; esta trilha ainda não está sinalizada, mas já é utilizada pelos monitores com alguns grupos de visitantes. O nosso percurso caminhou por esta trilha e atravessou os seus cordões arenosos e suas áreas de banhado, passou por uma baunilha gigante num caminho paralelo e pela rizosfera (que é camada de raízes do solo, mas que neste ponto está exposta). Caminhamos por um trecho da Trilha da Restinga do Maciambu, a trilha principal, aonde fomos no mirante e, ao final, chegamos no gramado ao lado da casa açoriana.

As zonas de tropeço desta trilha eram (nesta ordem): sentir o cheiro de uma flor; ouvir os sons da natureza; andar um trecho do caminho com os olhos vendados; dispensar palavras; sentir as diferentes texturas do solo; dispensar sementes; tocar nas árvores, folhas e galhos; e ver a paisagem do mirante com cores diversas, como mostra a figura 2, a seguir.

Figura 2 - Vista do mirante no Centro de Visitantes.



Fonte: as autoras (2019)

As zonas de tropeço eram livres de experimentações. Era livre, também, a participação. Alguns estudantes tiveram medo de pôr as vendas nos olhos, outros correram felizes para dispersar as sementes; tiveram aqueles que adoraram ver a paisagem com cores diferentes e outros que nem subiram no mirante por medo de altura; teve também quem percebeu as diferenças do solo e, até mesmo antes do fim, já quis conversar; teve quem não conseguiu silenciar para ouvir a natureza e outros, ainda, que adoraram os apitos que imitam os sons dos pássaros. A oficina terminou com uma roda de conversa sobre as experimentações e com um piquenique no gramado próximo a casa açoriana, onde tem árvores altas e antigas, mesas improvisadas com madeiras, bancos também de madeira e um grande espaço para piqueniques ou para brincadeiras.

Paulo Freire (2018, p. 45) diz que “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”, ou seja, o espaço nos ensina, por si só, por suas características e pelas especificidades que o constituem. Seguindo pelo caminho de Paulo Freire, a trilha, ela mesma, nos ensina, nos possibilita aprender, ensinar e cativar os nossos interesses e dos estudantes, de modo a estabelecer com eles uma relação mais cuidadosa com o meio ambiente e com o PAEST.

Com esta oficina é possível aprender sobre o mundo e sobre a educação ambiental em uma unidade de conservação, pois aprendemos caminhando, parando e conversando sobre as coisas ao redor.

Figura 3 - Trilha com os estudantes.



Fonte: as autoras (2019)

SEGUNDA EXPERIMENTAÇÃO DA TRILHA SENSITIVA

Para o encerramento da disciplina e comemoração do Mês do Meio Ambiente, no mês de junho de 2019 organizamos, junto a equipe de monitores, um evento aberto à comunidade para compartilhar as intervenções/oficinas da turma. Cada dupla de estagiários iria mostrar e aplicar sua ação. Assim, o evento contou com uma atividade de confecção de pipas chamada “De vento em pipa: só se o vento deixar...”, com um vídeo intitulado “Sentidos do parque”³, com uma oficina sobre “Paisagens invisíveis (pintando paisagens)” e com a oficina “Trilha sensitiva”.

3 Para visualizar o vídeo acesse:
<https://www.youtube.com/watch?v=yRY4RoO-PLw&t=16s>

Para experimentar pela segunda vez a trilha sensitiva, preparamos a mesma sacola com os mesmos materiais que utilizamos na trilha com os estudantes e havíamos planejado caminhar pelo mesmo percurso, ao qual tínhamos adicionado outras paradas e outros diálogos para o grupo. Porém, choveu muito na semana e a Trilha da Serpente nas partes de banhado, que são naturalmente áreas mais úmidas, estavam alagadas, o que impossibilitaria a utilização daquele percurso. Precisamos mudar nosso planejamento e tivemos que improvisar mais uma vez. Tínhamos os possíveis desvios que podíamos tomar e quais propostas podíamos adicionar ao percurso. A chuva, ou melhor, o terreno alagado, serviu para nós como uma “zona de tropeço” (CARERI, 2018, p.116), nos fez voltar e olhar de novo, percorrer novos caminhos e pensar de novo. Ensinou-nos que depender de um único planejamento não é a melhor opção, que devemos saber improvisar. Assim, nós escolhemos trechos da Trilha da Restinga do Maciambu, e colocamos as mesmas fitas verdes sinalizando os pontos de paradas, de parar e perder tempo. Conseguimos (re) montar a mesma trilha, porém, com a ordem das paradas diferentes.

Para a oficina, juntamos um grupo de dez pessoas e realizamos uma acolhida inicial de respiração e preparação do corpo. Posteriormente, vendamos seus olhos com o auxílio de tiras de tecido e, então, começamos a caminhada em fila, de mãos dadas, até o primeiro ponto de parada. Foram, ao total, onze pontos de paradas ou zonas de tropeço, seguindo esta ordem: caminhar com as vendas; observar os líquens nas árvores; tocar em diferentes plantas e musgos para sentir suas texturas; ouvir os sons da natureza e permanecer todos em silêncio; sentir o cheiro de um óleo essencial e caminhar; identificar os diferentes tipos de solos; tocar em duas árvores (uma fibrosa e a outra coberta por musgos); a leitura coletiva de um texto sobre a memória sensitiva; dispersar palavras gritando ou falando bem baixinho e dispersar sementes como os passarinhos; subir no mirante e observar a paisagem utilizando diferentes cores de papel celofane; e, por fim, caminhar vendados até o fim da trilha.

Figura 4 - Zona de tropeço



Fonte: as autoras (2019)

Para finalizar a oficina neste dia, contamos com o auxílio de um colega que emendou sua intervenção, na qual propôs uma oficina sobre a paisagem. O objetivo deste encerramento era pintar, desenhar ou escrever a paisagem que sentimos e que experienciamos; a paisagem que vimos com os olhos vendados, a paisagem invisível. Feito isso, conversamos sobre nossas obras de artes. Foi um momento em que conseguimos conhecer e saber o que cada um sentiu durante o percurso realizado. Partilhamos ideias, trajetórias e pensamentos e de lá saiu a certeza de que queríamos continuar a pesquisar e experimentar com a trilha sensitiva, instaurando-a como nossa condutora de ideias em educação ambiental.

REFLEXÕES SOBRE O CAMINHAR

As experimentações com a trilha sensitiva mostraram outras potencialidades existentes para a educação geográfica e educação ambiental em Unidades de Conservação, visto que as zonas de tropeço permitem ter novas experiências e possibilitam o contato, o parar para sentir ou fazer algo que em uma trilha “comum” não seria possível. Jorge Larrosa (2002, p. 24) diz que a experiência

requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Parar para olhar algum elemento da trilha, para observar uma planta, para caminhar sem ver a rota e para ouvir um som que está lá requer um gesto de atenção e de sensibilidade com as coisas que compõem o mundo. Segundo Tuan (1983, p. 151), “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significação” e essa significação é resultante de descobertas, experiências e afinidades em um determinado espaço, tornando-se lugar. Nesse sentido, as vivências no decorrer da oficina pretenderam aproximar o caminhante ao PAEST e estabelecer outra relação com aquele espaço, com a natureza. Criar, quem sabe, relações de intimidade e de cuidado. Fazer do espaço, muitas vezes desconhecido, um lugar. Ou seja: tornar o parque Estadual da Serra do Tabuleiro um lugar de afetos e de sentimentos, um lugar de aprender e partilhar. O sentimento de pertencimento ao lugar é resultado do nosso cotidiano, das nossas relações afetivas, sensibilidades, imaginações e da intimidade com as coisas.

A oficina da trilha sensitiva, assim como uma “zona de tropeço” (CARERI, 2018) em nossa rotina ininterrupta, permite um tempo, permite caminhar mais devagar, permite confiar em alguém e permite saborear intensamente diversos elementos da natureza. Os elementos que utilizamos para compor a trilha, em sua maioria, fazem parte do PAEST e parte da natureza, mas às vezes não lhes damos a devida atenção por estarmos acostumados a uma rotina acelerada ou, ainda, por estarmos acostumados com um modo de

fazer trilha em que se distribui informações e pouco se permite a experimentação com o corpo, com os sentidos, com o meio natural.

Figura 5 - Zona de tropeço (2).



Fonte: as autoras (2019)

CAMINHOS FUTUROS: DESDOBRAMENTOS E RESULTADOS

Após as vivências do Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, continuamos experimentando a trilha dos sentidos, porém, agora, vinculada ao projeto de extensão “Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora do ensino e da pesquisa” coordenado pela Profa. Dr. Ana M. H. Preve, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente, a trilha é o objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso de Livia de Souza Carvalho Selhane.

Para além das vivências relatadas, Larissa Marchesan realizou uma oficina sobre o parque Estadual da Serra do Tabuleiro na Escola Básica Francisca Raimunda de Farias Costa, localizada na Praia de Fora (Palhoça-SC),

onde lecionava suas aulas de geografia. Isso mostra como uma experiência em educação ambiental em uma Unidade de Conservação marca o modo de ser professor desde a formação acadêmica. Esta experiência marcou a trajetória desta educadora em geografia e aqui trazemos um relato desta experiência:

A escola se encontra no sopé do Morro do Cambirela. A paisagem da sala de aula é o parque. A Proposta Curricular do município aponta que devemos trabalhar as Unidades de Conservação das cinco regiões brasileiras. Para isso, elaborei uma oficina sobre o parque Estadual da Serra do Tabuleiro com os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental II. A oficina iniciou-se com uma conversa sobre o PAEST: sua criação, extensão territorial, biodiversidade e como está muito próximo de nós, da escola e da casa deles. Em seguida, pedi que cada estudante imaginasse como são as montanhas que constituem o PAEST e que tentassem representar uma dessas montanhas com um pedaço de barbante em uma grande folha papel kraft (papel pardo). Cada estudante podia colocar apenas um barbante, criando a sua própria montanha. De pedaço em pedaço, criamos uma serra repleta de montanhas diversas e de diferentes tipos. Quando terminaram de montar essa silhueta, fiz os seguintes questionamentos: se esse desenho fosse real, por onde passaria um rio? Onde encontramos uma cachoeira? Como será o tipo de vegetação na parte inferior e na parte superior? Como se formam as montanhas? Depois de uma conversa disparada por esses questionamentos, os estudantes escreveram algumas informações que estudamos sobre o PAEST, fizeram desenhos e coloriram essas montanhas.

Figura 6 - Confeção do parque Estadual da Serra do Tabuleiro no papel.



Fonte: as autoras (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das intenções da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III é contribuir para a formação acadêmica, para pensar a educação geográfica além das escolas, em ambientes não formais de educação, e, no semestre que compõe este relato, para pensar no funcionamento da Educação Ambiental em uma Unidade de Conservação. Podemos dizer que nós, os estagiários, habitamos o desconhecido. Ocupamos um espaço sem ter tudo planejado e decidido. Escolhemos deixar fluir, deixar as coisas acontecerem com calma e no seu tempo. Assim, tivemos liberdade para pesquisar e, por este motivo, nosso olhar foi atento a quais caminhos a pesquisa nos levaria.

Podemos dizer que isso só foi possível porque a cartografia, como metodologia de pesquisa, nos dá a chance. “A ausência do controle purificador da ciência experimental não significa uma atitude de relaxamento, de “deixar rolar”. A atenção mobilizada pelo cartógrafo no trabalho de campo pode ser uma via para o entendimento dessa atitude cognitiva até certo ponto paradoxal” (BARROS, KASTRUP, 2015, p. 57). Trata-se, portanto, de uma pesquisa aberta aos possíveis atravessamentos e/ou desvios, utilizando-os como matéria de estudo.

As experiências proporcionadas pelo Estágio III nos mostraram que, enquanto educadores, devemos pensar e propor práticas educativas e sensíveis em educação ambiental em todos os espaços educativos, como uma escola, uma horta escolar ou uma Unidade de Conservação. As vivências possibilitaram pensar a educação ambiental e suas potências nos espaços das Unidades de Conservação, tornando-as salas de aula, ou melhor, salas de aula ao ar livre. Firmamos a certeza de que cabe propor outros caminhos para a educação ambiental; como diz Tuan (1983, p. 10), “experientiar é aprender, compreender; significa atuar sobre o espaço e poder criar a partir dele”. A questão que fica é: por que não aprender com a natureza estando na natureza? Foi pensando nisso, no contato com a natureza e em nos aproximar do ambiente, que criamos este percurso de trilha. Reunimos conteúdos sobre o parque Estadual da Serra do Tabuleiro, sobre educação ambiental, sobre geografia e a partir de nossas bagagens pessoais para desenvolver uma proposta atenta ao que o ambiente dispunha e nas relações que se estabelecem. Neste percurso, que chamamos de “Trilha sensitiva”, há uma flexibilidade de conteúdos e tempos e, acima de tudo, no modo de pensar e fazer a educação ambiental. É uma outra maneira de aproximar as pessoas da natureza e de gerar transformação na sociedade através da educação ambiental.

A educação ambiental e o PAEST permitem um espaço-tempo do aprender com vontade e experimentando, na natureza e caminhando. Abre uma imensidão de possibilidades e experiências. Permite um encontro com o mundo e consigo. Ao caminhar por uma prática educativa como a trilha sensitiva, que rompe o viés da escolarização, percebemos que é possível um outro modo de ver a educação ambiental nas Unidades de Conservação.

A partir das experiências vividas, nasce um desejo de continuar a estudar; nasce, ainda, o projeto de Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora Livia de Souza Carvalho Selhane, a dissertação de Mestrado da professora Larissa Marchesan e muitas outras ações entre a universidade e o PAEST.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.
- CORRÊA, Guilherme C. Oficina – novos territórios em educação. *In*: PEY, M. O. **Pedagogia Libertária**: experiências hoje. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.
- CORRÊA, Guilherme C. **Educação, comunicação e anarquia**: procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 56. ed. Rio de Janeiro/são Paulo: Editora Paz e Terra Ltda., 2018.
- JAFFE, Noemi. **Livro dos começos**. São Paulo: Cosac Naify, 2016.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr. 2002.
- LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos-SP: Pedro e João Editores, 2018.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisão e fugas**: cartografias intensivas em educação. 2010. 347 f. Tese (Doutorado em Geografia), Unicamp, Campinas-SP, 2010.

VALLADARES, M. T. R. **Currículos Escrividos nas Zonas de Fronteiras do Estágio Supervisionado:** A Narrativa de Vida como Formação Docente. *In:* X ENPEG - Encontro Nacional de Prática e Ensino de Geografia, 2009, Porto Alegre. X ENPEG - Encontro Nacional de Prática e Ensino de Geografia. Porto Alegre: UFRGS/AGB - Seção Porto Alegre, 2009. v. 0. p. 0-00.

TUAN, Yi-Fu. - F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.